

Crise cambial na Europa pode afetar acordo

CORREIO BRAZILIENSE

A crise cambial europeia afetará o acordo brasileiro com os credores internacionais, caso Inglaterra e Estados Unidos alterem suas taxas de juros para se adequar a um novo modelo de paridade de moedas. Como a maior parte da dívida brasileira é regida por estas taxas **Libor** e **Prime Rate**, os acordos com os bancos privados e o Clube de Paris sairiam prejudicados com uma eventual subida da **Libor** inglesa, que baliza 58 por cento do débito.

Existe otimismo, entretanto, por parte de algumas autoridades da área econômica quanto aos desdobramentos da instabilidade monetária na Europa. Os argumentos são de que a Inglaterra não teria interesse em provocar uma alta nos juros, que complicaria sua atividade econômica e agravaria ainda mais o desemprego, crônico no País. Nessa hipótese, a **Libor** seria reduzida, favorecendo os países devedores.

De acordo com os termos da **Term Sheet**, documento que fixa os mecanismos de pagamento da dívida com os bancos privados, o Brasil deverá pagar os juros equivalentes a 50 por cento da **Libor**. O acordo, fechado pela equipe econômica e que ainda precisa ser aprovado pelo Senado, foi imaginado a partir de uma tendência de estabilidade na taxa que se encontra em níveis historicamente baixos. O negociador oficial da dívida, Pedro Malan, defendia o percentual de remessa — o anterior era de 30 por cento — devido aos atuais níveis da **Libor**.

Os juros americanos, **Prime Rate**, por sua vez, estão nos níveis mais baixos dos últimos dez anos, o que provocou a queda da cotação do dólar frente ao marco alemão. Segundo Paulo Corrêa, consultor da Fundação Centro de Estudos do Comércio Exterior (Funcex), existem boas possibilidades de uma elevação futura da **Prime**, taxa de juros norte-americana, para compensar essa desvalorização.

Desequilíbrio — Corrêa defende que a origem da crise cambial está no desequilíbrio entre as taxas de juros na Alemanha e nos Estados Unidos. Os juros alemães estão altos, porque o país busca alavancar recursos para promover a integração com a Alemanha Oriental através da venda de títulos públicos a taxas atraentes. Os Estados Unidos mantêm baixa a **Prime** para estimular a retomada da atividade econômica em recessão.

Para Corrêa, os níveis da **Prime** estão baixos há nove meses sem resultados efetivos, o que poderá forçar os EUA a aumentarem seu déficit público promovendo investimentos estatais para o reaquecimento econômico. Dessa forma, a política monetária seria trocada por medidas fiscais, o que liberaria o **Federal Reserve** (Banco Central americano) para uma elevação nas taxas de juros.

Segundo técnicos do Banco Central, a relação entre os juros e as oscilações cambiais é direta. Quando um governo oferece juros altos por seus papéis, o mercado financeiro internacional inicia uma procura maior pela moeda correspondente.